

**MARIANA SANTANA RIBEIRO**

**OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

**BELO HORIZONTE**

**2010**

MARIANA SANTANA RIBEIRO

## **OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Terapia Ocupacional, na área de ênfase em Desenvolvimento Infantil.

Orientadora: Profa. Valéria Brasil

BELO HORIZONTE

2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Autor(a):** Mariana Santana Ribeiro

**Título:** OS IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

**Trabalho de Conclusão de Curso aprovado**  
em 22 / 03 / 11,

**Orientador ou Orientadora:** VALÉRIA SANTOS BRASIL

**Assinatura:** Valéria Santos Brasil

**Nome/Instituição:** UFMG

**Avaliador ou Avaliadora:** TÂNIA LÚCIA HIROCHI

**Assinatura:** Tânia Lucia Hirochi

**Nome/Instituição:** UFMG

Mariana  
Coordenador Geral da Comissão Colegiada do Curso  
de Pós-Graduação Lato Senso "Especialização em  
Terapia Ocupacional" da UFMG

## **RESUMO**

O presente estudo tem o objetivo verificar, por meio de uma revisão bibliográfica, as conseqüências da violência doméstica no desenvolvimento global das crianças e adolescentes vitimizados. Sabe-se que a infância e a adolescência são períodos de grandes transformações, e, portanto, decisivos na formação dos indivíduos, o que faz com que as vivências traumáticas vividas nesses momentos tragam prejuízos importantes ao desenvolvimento desses sujeitos. Esta pesquisa foi realizada nas bases de dados, SCIELO – Scientific Eletronic Library Online, LILACS – Literatura Latino- Americana e do Caribe e foi feita uma busca por artigos online, disponibilizados por revistas indexadas. Limitou-se a busca no idioma português e no período de 2000 a 2010. Foram selecionados 10 artigos com estudos focados na violência doméstica e nas suas implicações no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Conclui-se que a maior parte da agressões acontecem no ambiente familiar e que geralmente são atrelados a vários fatores de risco. Além de conseqüências físicas, as crianças e adolescentes vitimizados apresentam o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social com alterações de diferentes formas e intensidades.

**PALAVRAS CHAVES:** criança, adolescente, família e violência doméstica.

## **ABSTRACT**

This study has the objective to verify, through a literature review, the consequences of domestic violence in the overall development of children and adolescents victimized. It is known that childhood and adolescence are periods of great change and, therefore, decisive in the formation of individuals, which makes the experienced traumatic experiences in these moments bring serious damage to the development of these subjects. This research was conducted in the databases, SCIELO - Scientific Electronic Library Online LILACS - Latin American and Caribbean and a search was made for items online, provided by indexed journals. It merely seeks in Portuguese and in the period 2000 to 2010. 10 articles were selected for studies with focus on domestic violence and its implications for the development of children and adolescents. Conclude that the majority of assaults happen in the family environment and are generally linked to several risk factors. In addition to physical consequences, children and adolescents victims presented their cognitive, affective and social changes in various forms and intensities.

**KEYWORDS:** child, adolescent, family and domestic violence.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	6
2. METODOLOGIA-----	9
3. RESULTADOS-----	11
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS-----	18
5. CONCLUSÃO-----	26
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA-----	28

## 1 INTRODUÇÃO

A violência, nas mais variadas manifestações, tem aumentado vertiginosamente no mundo atual, sendo focada pela mídia de diferentes modos; desde aquela praticada na família até nos conflitos armados. Em evidência, observa-se que suas vítimas, na maioria das vezes, é a população infanto – juvenil, devido à falta de defesa que possuem e pela sua relação de dependência ao adulto (SCHERER e SCHERER, 2000).

Em complemento, Lacks, Werner e Miranda-Sá Jr. (2006); afirmam que crianças e adolescentes são alvos fáceis para atos de violência de todos os tipos, seja por sua fragilidade e dependência, seja por não serem considerados testemunhas confiáveis para denunciar os casos de abuso e maus tratos, ou por conta da cultura de exclusão a que são submetidos.

Scherer e Scherer (2000) fazem uma busca histórica, que aponta a existência de maus tratos na infância desde primórdios da humanidade. Nas civilizações antigas, crianças eram mortas ou abandonadas para morrerem desnutridas ou comidas por animais por razões que variavam desde medidas econômicas até religiosas. Estes autores, ainda trazem em seu estudo, que no século XV a “figura infantil” era a representação do ingênuo, do inocente e do bom. Já o século XVI foi um marco das agressões e violências contra crianças. Nesse mesmo referencial teórico, temos o século XX como “século da criança”, quando ela passa a ser notada, descrita e aceita como fazendo parte da humanidade.

Entretanto, a violência contra crianças e adolescentes não tem diminuído, havendo a necessidade de incentivar maiores estudos e políticas sociais em inúmeros países. No Brasil, estabeleceu-se uma legislação específica para proteger a população infantil, sendo aprovado, em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que foi transformado na lei nº 8069. Em seu 4º artigo, o ECA ainda define os direitos da população infanto juvenil brasileira; especificando que a mesma possui direitos à vida, à saúde, à alimentação, à alimentação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, bem como os responsáveis por garanti-los. Este mesmo artigo

atribui à família, à comunidade, à sociedade em geral e ao Poder Público o dever de assegurar a efetivação destes direitos.

No artigo 13 dessa lei é explicitado que os casos de suspeita ou confirmação de maus tratos contra crianças e adolescentes serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade. O Conselho Tutelar, por sua vez, será o responsável por iniciar a avaliação da situação denunciada, desencadeando medidas a serem tomadas pelas redes específicas de atenção (SCHERER e SCHERER, 2000).

Nas duas últimas décadas, mesmo com a criação dessa legislação, não se pode falar de crianças e adolescentes sem que o tema da violência aflore, indicando ser esta a população mais exposta e vulnerável a sofrer violações de seus direitos, afetando direta e indiretamente sua saúde física, mental e emocional (SOUZA e JORGE *apud* MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p.23).

Diferentes conceituações vêm sendo utilizadas com a finalidade de situar o problema da violência no campo da saúde. Minayo (2001) citada por Faleiros e Faleiros (2006), define a violência como todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas ou instituições capazes de causar dano físico, sexual e / ou psicológico à vítima. Essa mesma autora acrescenta que a violência trata-se de uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de crescimento e desenvolvimento.

Souza e Jorge (*apud* MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p. 24), já conceituam a violência como todas as formas de ações, relações ou omissões realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam danos físicos, emocionais, morais e espirituais a si próprio ou aos outros. Estes autores acrescentam que, ela se manifesta nas discriminações e preconceitos em relação a determinados grupos que se distinguem por sua faixa etária, raça, etnia, seu gênero, suas necessidades especiais, sua condição de portadores de doença e pobreza.

Laks, Werner e Miranda Sá Jr.(2006) acrescentam que o fenômeno psicossocial da violência se exerce sobre a população infanto-juvenil por meio de condutas

denominadas abuso e maus tratos. Estes atos de violência podem ser classificados em duas categorias: a violência institucional e a doméstica (intrafamiliar/interpessoal), que por sua vez será a mais explorada neste trabalho, levando em conta quais os seus impactos nas crianças e adolescentes vitimizados.

Segundo Sanchez e Minayo (*apud* MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p. 33), a violência intra-familiar é aquela que acontece dentro do lar, onde estudos apontam que, as crianças são as maiores vítimas, pois a raiva, os ressentimentos, as impaciências e as emoções negativas de outros membros as atingem como se elas fossem válvulas de escape. É importante destacar que sua fragilidade física e de personalidade as tornam alvos fáceis do poder do adulto.

Tendo em vista que a população infanto juvenil encontra-se em processo de desenvolvimento, Lacks, Werner e Miranda-Sá (2006), afirmam que vivências traumáticas vividas nessa época da vida podem acarretar conseqüências na maturação destes indivíduos (LACKS, WERNER e MIRANDA – SÁ Jr., 2006).

Considerando as possíveis conseqüências da violência doméstica na infância, o presente estudo possui como objetivo verificar, através de uma análise de artigos, os impactos dessa prática no desenvolvimento global das crianças e adolescentes vitimizados.

## 2 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma revisão de literatura, restrita à língua portuguesa. Esta pesquisa foi realizada nas bases de dados, SCIELO – Scientific Electronic Library Online, LILACS – Literatura Latino- Americana e do Caribe, com as seguintes palavras chaves: “violência sexual”, “violência doméstica”, escola, crianças, adolescentes e sociedade. Estes descritores, por sua vez, foram cruzados de maneiras diversas no sentido de ampliar as possibilidades de pesquisa. Além disso, foi realizada uma busca por artigos online, disponibilizados por revistas indexadas, selecionados a partir dos títulos e resumos.

Foram encontrados 70 artigos, dos quais foram selecionados 10, que continham estudos focados na violência doméstica e nas suas implicações no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Os artigos selecionados se limitaram à publicação nacional, em função de privilegiar a mudança de paradigma político com o surgimento do ECA. Os artigos deveriam ser do período de 2000 a 2010. Foram excluídos os estudos de revisão de literatura.

Após essa busca, foram selecionados 10 (dez) artigos, que estão organizados no Quadro 1, contendo o título, os autores, a revista e o ano de publicação dos artigos.

**QUADRO 1: Descrição dos artigos**

<b>Nome do artigo</b>	<b>Autor (es)</b>	<b>Revista</b>	<b>Ano de Publicação</b>
Crianças em risco psicossocial associado à violência doméstica: o desempenho escolar e o autoconceito como condições de proteção	MILANI, LOUREIRO	Estudos de Psicologia	2009
Desempenho Escolar das Crianças Vitimizadas Encaminhadas ao Fórum Judicial	PEREIRA, SANTOS, WILLIAMS	Psicologia: Teoria e Pesquisa	2009
Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento agressivo	AVANCI, ASSIS, OLIVEIRA, PIRES	Ciências e Saúde Coletiva	2009
Abuso Sexual Infantil: Indicadores de Risco e Consequências no Desenvolvimento de Crianças	BORGES, DELL'AGLIO	Revista Interamericana de Psicologia	2008
Violência Sexual: Caracterização e análise de casos revelados na escola	INOUE, RISTUM	Estudos de Psicologia	2008
O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica	MALDONADO, WILLIAMS	Psicologia em Estudo	2005
Aspectos Psicológicos em Crianças Institucionalizadas Vítimas de Violência Doméstica	GROSSI, PARTALA, KAMINSKI	Iniciação Científica - CESUMAR	2004
Crianças Expostas à Violência Conjugal: Avaliação do Desempenho Acadêmico	BRANCALHONE, FOGO, WILLIAMS	Psicologia: Teoria e Pesquisa	2004
Violência e Representação Social na Adolescência no Brasil	ASSIS, AVANVI, SANTOS, MALAQUIAS, OLIVEIRA	Revista Panam Salud Pública	2004
Violência Sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares	RIBEIRO, FERRIANI, REIS	Caderno de Saúde Pública - RJ	2004

### 3 RESULTADOS

Com relação ao local onde foram realizados os estudos, quatro foram no estado de São Paulo (PEREIRA, SANTOS e WILLIAMS, 2009; MALDONADO e WILLIAMS, 2005; BANCALHONE, FOGO e WILLIAMS, 2004; RIBEIRO, FERRIANI e REIS); dois no estado do Rio de Janeiro (AVANCI et al, 2009; ASSIS et al, 2004); dois no Paraná (MILANI e LOUREIRO, 2009; GROSSI, PARTALA e KAMINSKI, 2004); um no Rio Grande do Sul (BORGES e DELL'AGLIO, 2008) e um na Bahia (INOUE e RISTUM, 2008). Ou seja, a maior parte dos estudos se concentra na região sudeste, seguidos da região sul e nordeste.

Dentre os autores dos artigos selecionados, a maioria são profissionais de psicologia (MILANI e LOUREIRO, 2009; INOUE e RISTUM, 2008; BORGES, 2008; MALDONADO E WILLIAMS, 2005; GROSSI, PARTALA E KAMINSKI, 2004), os outros são profissionais da área da saúde que trabalham em órgãos de saúde pública ou mesmo que estudam sobre o tema. Da mesma forma 60% dos artigos foram publicados em revistas da área de psicologia e o restante em publicações no âmbito da Saúde Pública.

Três dos artigos encontrados (BORGES e DELL'AGLIO, 2008; INOUE e RISTUM, 2008; RIBEIRO, FERRIANI e REIS, 2004) se referem especificamente da violência sexual por ser a forma de abuso frequente no contexto intrafamiliar, segundo estes autores.

Apenas um dos artigos (GROSSI, PARTALA E KAMINSKI, 2004) produz um estudo com vítimas de violência doméstica que foram institucionalizadas, os demais fazem referência a crianças e/ou adolescentes que vivenciam situações de violência no contexto familiar e escolar.

Para facilitar a discussão dos resultados, foi produzido o Quadro 2, intitulado: "*Resultado das Pesquisas*", que descreve os objetivos, metodologia, amostra, resultados e conclusão.

**QUADRO 2:** Resultado das Pesquisas

<b>Referência do artigo</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Amostra</b>	<b>Metodologia</b>	<b>Resultados e Conclusão</b>
MILANI e LOUREIRO, 2009	Avaliar o auto-conceito e o desempenho escolar de crianças com risco psicossocial, associado à violência doméstica, e compará-las com um grupo de criança sem história de risco psicossocial.	Quarenta crianças de ambos os sexos, na faixa etária de oito a doze anos incompletos.	Aplicação da Escala Piers – Harris de Autoconceito e do Teste de Desempenho Escolar.	Constatou-se as crianças vítimas de violência doméstica e que estão lidando com as exigências próprias da idade escolar, apresentam dificuldades na capacidade adaptativa.
PEREIRA, SANTOS e WILLIAMS, 2009	Caracterizar o desempenho escolar da criança vítimas de violência doméstica atendidas no Fórum Judicial.	40 crianças de ambos os sexos e suas mães.	Para as crianças, foi utilizado o teste de Desempenho Escolar, Inventário de Estilos Parentais e o teste de Raven. As mães responderam a uma entrevista e a Escala de Táticas de Conflito Revisadas.	Constatou-se que a criança vítima de violência em casa, encaminhada ao Fórum, tem desempenho escolar inferior a seus pares da mesma sala de aula. Observou-se também que, paralelo à violência doméstica tais crianças estavam expostas a outros fatores de risco.

Referência do artigo	Objetivos	Amostra	Metodologia	Resultados e Conclusão
<p>AVANCI, ASSIS, OLIVEIRA e PIRES, 2009</p>	<p>Investigar a associação entre o comportamento retraído / depressivo de crianças escolares e a presença / ausência de violências vividas em casa, na escola e na comunidade.</p>	<p>479 crianças entre 6 e 13 anos de idade, estudantes da 1ª série do ensino fundamental matriculadas numa rede municipal.</p>	<p>Entrevista estruturada contendo o perfil socioeconômico e demográfico da amostra. Utilização de uma sub escala da Child Behavior Checklist, para verificar o comportamento de retraimento/depressão. Uso da “Escala Tática de Conflitos” para constatar a violência que ocorre nas famílias. Emprego de Escalas utilizadas pela ONU para avaliar práticas de violência na escola e na comunidade.</p>	<p>- O comportamento retraído/depressivo das crianças está associado às famílias constituídas por padrasto/madrasta e às mães mais jovens. - Tendência de associação entre o sexo masculino e a vitimização da violência. - A não vivência das experiências violentas é característica da ausência do comportamento de retraimento/depressão. -As diferentes formas de vitimizações de violência tendem a estar mais próximas do comportamento de retraimento/depressão a nível clínico e limítrofe.</p>
<p>BORGES e DELL’AGLIO, 2008</p>	<p>Investigar as características do contexto do abuso sexual infantil e de sua revelação, as conseqüências no desenvolvimento das crianças, e ainda a presença de indicadores de risco na família.</p>	<p>16 meninas vítimas de abuso sexual intra e/ou extrafamiliar, com idades de sete anos e oito meses a treze anos e seis meses e suas mães e/ou cuidadores legais.</p>	<p>Foram realizadas entrevistas semi – estruturadas e foi aplicada a versão brasileira da <i>Schedule for Affective Disorders and Schizophrenia for School Aged-Children (K-SADS)</i>.</p>	<p>Foi observada a presença de indicadores de risco nas famílias e de uma variedade de sintomas do âmbito emocional e comportamental. Os resultados indicam que o abuso sexual infantil é um fator de risco para uma variedade de sequelas emocionais e comportamentais.</p>

Referência do artigo	Objetivos	Amostra	Metodologia	Resultados e Conclusão
INOUE e RISTUM, 2008	Analisar os casos de violência sexual identificado ou revelados no contexto educacional, descrevendo suas formas, incidências, perfil da vítima, do agressor, do responsável pela identificação e circunstância da revelação.	Foram utilizados os registros das informações prestadas pela vítima e/ou por seu representante legal, contidas em protocolos de atendimento. Constituíram material de estudo e análise somente os que se referiam à violência sexual revelada no contexto educacional.	Estudo de 2522 protocolos, para selecionar os que se referiam à revelação ou descoberta da violência no espaço escolar. Foram selecionados 22 protocolos.	Dentre os protocolos estudados, a escola contribuiu para a identificação de apenas 0,91% dos casos. A principal figura do universo escolar a identificar a violência foi a professora. Ficou demonstrado que o agressor frequentemente é conhecido da vítima, as formas de intimidação mais utilizadas são a ameaça e a força física e as formas de violência mais praticadas são os atos libidinosos.
MALDONADO e WILLIAMS, 2005	Estudar o comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica.	28 crianças do sexo masculino de 7 a 11 anos de idade e suas respectivas mães.	Para a coleta de dados foram utilizados a Escala de Percepção por Professores dos Comportamentos agressivos de crianças nas Escolas. Utilizou-se ainda uma entrevista para levantamento de dados sobre as Famílias e a escala de Táticas de Conflito Revisadas	O estudo constatou que há, no geral, maior incidência de severidade de exposição à violência doméstica nas crianças do sexo masculino que apresentaram comportamento agressivo na escola, quando comparadas às crianças do mesmo sexo que não apresentam tal comportamento

Referência do artigo	Objetivos	Amostra	Metodologia	Resultados e Conclusão
GROSSI, PARTALA e KAMINSKI, 2004	Caracterizar, em relação aos aspectos emocionais e comportamentais, crianças de 6 a 12 anos institucionalizadas por motivo de violência doméstica.	Crianças de 6 a 12 anos institucionalizadas.	Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e aplicação da Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter três atendentes de um abrigo provisório do Município de Maringá.	Os estudos apontam que as crianças em questão apresentaram uma constituição da estrutura e dinâmica familiar fragilizada. 50% destas crianças revelaram indicadores de desordem emocional.
BRANCALHONE, FOGO, WILLIAMS, 2004	Verificar se as crianças que estão expostas à agressão conjugal sofrida pela mulher (mãe) têm o desempenho acadêmico prejudicado, quando comparadas às crianças que não estão expostas à violência conjugal.	15 crianças com idade entre 7 e 11 anos, de ambos os sexos, cursando as primeiras quatro séries do ensino fundamental. Cada uma dessas crianças foi pareada com outras crianças não expostas à violência, sendo da mesma faixa etária, sexo, sala de aula, nível sócio econômico e configuração familiar.	Estudo correlacional comparando crianças expostas à violência conjugal com crianças não expostas, controlando algumas variáveis. Estudo correlacional.	O estudo não encontrou diferenças no desempenho acadêmico de crianças expostas à violência quando comparadas a seus pares de famílias não violentas. Porém, isto não significa que essas crianças não pudessem apresentar problemas de outra natureza, como depressão e baixa auto estima.

Referência do artigo	Objetivos	Amostra	Metodologia	Resultados e Conclusão
ASSIS, AVANVI, SANTOS, MALAQUIAS e OLIVEIRA, 2004	Investigar a associação entre a representação que os adolescentes têm de si e a presença de violência física severa, psicológica e sexual, praticadas por pessoas que lhes são importantes, sobretudo os pais; e analisar a associação entre a vitimização na família e em outros espaços sociais.	1685 adolescentes estudantes de escolas públicas e particulares do Município de São Gonçalo (RJ), em 2002.	Inquérito epidemiológico com estudantes selecionados aleatoriamente nas escolas públicas e particulares.	Constatou-se que os adolescentes vítimas de violência doméstica são mais frequentemente vítimas de violência na comunidade e na escola, relatando-se também mais transgressores da lei. Em geral, possuem uma representação positiva de si próprios, embora mencionem atributos negativos com maior frequência.
RIBEIRO, FERRIANI e REIS, 2004	Analisar as características relativas às vitimizações sexuais intra-familiares, cujas denúncias foram acolhidas em órgãos responsáveis pela defesa de direitos de crianças e adolescentes.	Crianças e adolescentes, de ambos os sexos, vítimas de violência intra-familiar categorizados segundo o critério de idade do ECA, atendidos no Centro de Referência da Crianças e do Adolescente e nos Conselhos Tutelares de Ribeirão Preto, SP. O número da amostra não foi especificado.	Estudo retrospectivo exploratório, por meio de análise de casos de violência sexual intra-familiar contra crianças e adolescentes de ambos os sexos. Foram excluídos os casos sem prontuários e aqueles que referiam apenas aos irmãos das vítimas, não tendo os mesmos sofrido vitimizações.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificou-se 234 agressões perpetradas por 217 agressores.</li> <li>- Maior nº de casos envolvendo crianças, com prevalência do sexo feminino.</li> <li>- As vitimizações ocorreram em maior nº nas famílias que possuíam mais de 2 filhos.</li> <li>- Pais e padrastos foram os principais agressores.</li> </ul> <p>Concluiu-se que a violência sexual abrange o campo da moral e da proteção dos direitos humanos e sexuais.</p>

## 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para se refletir e discutir as peculiaridades que envolvem a violência, exige-se primeiramente compreender seu verdadeiro significado, pois percebe-se que todos os autores privilegiam uma discussão preliminar, na qual eles problematizam a conceituação do tema violência, com a constatação unânime de que as diferentes formas de violência estão entrelaçadas.

Na literatura, a maioria dos autores afirma que a violência é conceituada de diferentes formas, não havendo critério quanto às rotulações e classificações (INOUE E RISTUM, 2008).

Segundo Grossi, Partala e Kaminski (2004) a violência trata-se de um tema polêmico, por envolver várias situações, desde a cumplicidade com o agressor até a aceitação da própria vítima de que a agressão é uma forma de castigo pelo seu mau comportamento.

Algumas afirmações podem ser feitas acerca de suas atribuições, dentre elas a constatação de toda violência ter em comum o fato de ser caracterizada por ações e/ou omissões que podem dificultar ou impedir o desenvolvimento pleno dos seres humanos (MALDONATO E WILLIAMS, 2005).

Segundo Avanci et al (2009), crianças e adolescentes, por ainda estarem num processo de desenvolvimento e de aquisição de habilidades são alvos frágeis diante de comportamentos agressivos, podendo acarretar consequências negativas para a efetivação de seu desenvolvimento global. Independente do contexto da violência, esta população é particularmente vulnerável a essas situações, uma vez que depende sempre do adulto para protegê-la, já que é incapaz de prescindir do seu convívio.

Atualmente, várias tem sido as conquistas que privilegiam a atenção à população infantil e adolescente, seja no plano da promoção e proteção dos seus direitos, ou mesmo, da qualidade de vida da criança e do adolescente. Porém, os desafios ainda persistem, dentre eles, destaca-se o enfrentamento

da violência doméstica, que demonstra ser uma questão de cuidado especial (GROSSI, PARTALA e KAMINSKI, 2004).

Alguns estudos apontaram dados estatísticos quanto ao local em que as agressões ocorrem e quem seriam os agressores. Assis et al (2004) afirmam que existem poucos estudos populacionais no Brasil que dimensionam o problema, mas os dados disponíveis apontam que em 80% (oitenta por cento) dos casos as agressões foram infligidas por parentes. Inoue e Ristum (2008) acrescentam que nas estatísticas da violência praticada na sociedade brasileira, destaca-se a família como a maior violadora dos direitos infanto-juvenis. Borges e Dell' Aglio (2008) fazem uma referência ao relatório do sistema nacional de combate à exploração sexual infanto-juvenil, que aponta que do total de denúncias realizadas, 54% (cinquenta e quatro por cento) representavam casos de abusos intra-familiares, sendo que em 42% (quarenta e dois por cento) dos casos o pai era o principal suspeito. Esses autores ainda pontuam que a exposição ao abuso intra-familiar pode ser ainda mais prejudicial à criança vitimizada, pois envolve quebra de confiança com as figuras parentais e/ou cuidadores, que, a princípio, deveriam promover segurança, conforto e bem-estar psicológico.

Na família existem condições que a torna um alvo fácil para situações de violência sexual. No ambiente doméstico, os limites impostos pela privacidade isolam a família dos olhos e ouvidos do domínio público, proporcionando aos agressores um local no qual a violência torna-se um crime perfeito, já que pode ser praticada sem testemunhas ou está encoberta pelo silêncio do cúmplice (RIBEIRO, FERRIANI e REIS, 2004).

Autores afirmam que a violência doméstica é exercida na esfera privada, dentro da residência da vítima; os agressores podem não serem necessariamente familiares, mas sim outras pessoas que vivem na mesma casa (INOUE E RISTUM, 2008). Segundo Grossi, Partala e Kaminski (2004), a violência doméstica é um assunto social, que atinge pessoas de todas as categorias socioeconômicas, sendo que as crianças empobrecidas têm menos meios para escapar de seu impacto. As famílias de baixa renda possuem a tendência de

serem mais atingidas, devido a fatores sociais complexos, o que pode gerar uma associação de vulnerabilidade emocional, social e de saúde, que se manifesta através de psicopatologias, comportamento anti-sociais e doenças psicossomáticas.

Pereira, Santos e Willian (2009), acrescentam que tal violência pode ocorrer por meio de quatro modalidades: física, psicológica, sexual e negligência. Quanto à criança, esta pode ser atingida pela violência doméstica de duas maneiras: direta, se alvo de abuso; ou indireta, se exposta às cenas de agressão entre pais.

Torna-se de suma importância neste estudo, compreender os fatores que levam a tais agressões. Existem aspectos sócio-demográficos, geralmente aliados ao contexto familiar, que têm sido associados a altos níveis de exposição à violência doméstica, dentre eles: baixo nível socioeconômico familiar, pouca idade e baixa escolaridade dos pais, presença de álcool e/ou drogas ilícitas, presença de muitas crianças na mesma casa, pertencer a grupos raciais minoritários e vivenciar as dificuldades da vida nos centros urbanos. (AVANCI et al, 2009 e PEREIRA, SANTOS E WILLIAMS, 2009).

Borges e Dell'Aglio (2008); Assis et al (2004); Grossi, Partala e Kaminski (2004); Milani e Loureiro (2009) em seus estudos, além de mostrar alguns fatores de risco que são comuns aos mencionados anteriormente, apontam a presença de outros fatores, dentre eles: a prematuridade ao nascimento, gravidez precoce, pais separados, práticas disciplinares coercitiva, depressão e agressões escolares e entre pares, histórico de violência psicológica e de abuso físico ou sexual na infância ou adolescência, desapego e comprometimento nas relações familiares.

Atrelado aos fatores de risco, alguns dos estudos apontam um predomínio de vítimas do sexo feminino (BORGES e DELL'AGLIO, 2008; INOUE e RISTUM, 2008; RIBEIRO, FERRIANI e REIS, 2004). Já os estudos de Avanci et al (2009) e Maldonato e Williams (2005) relatam que, crianças do sexo masculino são mais propensas a serem vítimas da violência doméstica.

Em contrapartida aos fatores de risco, é válido abrir um espaço para enfatizar os fatores de proteção, que por sua vez, asseguram a população infanto-juvenil os seus direitos enquanto cidadãos. Pereira, Santos e Williams (2009), destacam o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que consagra para a infância e a juventude os direitos fundamentais prescritos no artigo 227 da Constituição Federal de 1988. Esses mesmo autores ainda fazem referência à criação do Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância (CRAMI) e da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) como fatores de proteção, existentes desde a década de 80.

Ribeiro, Ferriani e Reis (2004), acrescentam que o ECA trata-se de um instrumento que colabora decisivamente na identificação dos mecanismos de exigibilidade dos direitos constitucionais dessa população. Privilegia-se nele, um espaço para possíveis denúncias e o ressarcimento de qualquer fato que viole os direitos das crianças e adolescentes.

Ao tratar especificamente do abuso sexual na infância, Borges e Dell'Aglio (2008) afirmam que reação familiar positiva frente ao abuso, suporte materno, vínculo afetivo com um cuidador não-abusivo e a presença de uma rede de apoio social e afetiva têm sido apontados como fatores de proteção aos efeitos da violência. Segundo os mesmos autores, a interação dos fatores de risco e fatores de proteção, no nível individual, familiar e social, pode aumentar ou minimizar o efeito das consequências do abuso, direcionando um melhor ou pior ajustamento psicológico.

Todos os artigos encontrados fazem referência aos impactos que a violência doméstica pode causar sobre o desenvolvimento global de crianças e adolescentes. Segundo Grossi, Partala e Kaminski (2004); Avanci et al (2009); Milani e Loreiro (2009) e Inoue e Ristum (2008) a violência doméstica afeta a crianças emocionalmente, social e fisicamente, e de modo geral elas apresentam algumas características, tais como: agressividade; medo intenso;

baixa auto estima; desconfiança nas relações íntimas; culpa por ter escapado do castigo; reclamações psicossomáticas e problemas relativos à autoridade.

Segundo Borges e Dell'Aglio (2008) em se tratando do abuso sexual, os sintomas são os mesmos já mencionados anteriormente, somados ao comportamento sexual inapropriado, tendências suicidas e fugas de casa. Este estudo aponta que entre as psicopatologias mais associadas à ocorrência do abuso sexual estão os transtornos de humor, transtornos de ansiedade, transtornos dissociativos, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, transtornos alimentares e transtorno de abuso de substâncias. Porém o Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) tem sido apontado como quadro mental mais frequente nas vítimas de tal violência. Inoue e Ristum (2008), ainda acrescentam que as manifestações do TEPT na infância e adolescência são mais graves e comprometedoras, uma vez que as funções afetivas e cognitivas do sistema nervoso central não amadureceram e não foram ainda totalmente reguladas.

Outro impacto observado nas crianças vítimas de maus tratos é o comportamento retraído/depressivo. Avanci et al (2009), destacam o elo existente entre a violência e a depressão, pois a experiência da criança com o abuso não seria apenas determinada pela natureza do evento, mas principalmente pela sua capacidade em avaliá-lo e percebê-lo, de responder e lidar com o perigo e de buscar apoio no ambiente para protegê-la e lhe dar segurança.

Para a criança pode ser muito penoso lidar com situações com tamanha carga emocional, em que se ameaça a sua integridade física ou de quem ama. Mais ainda, além da depressão, pode provocar o desenvolvimento de outros problemas de comportamentos danosos, como a ansiedade e o comportamento disruptivo (AVANCI et al, 2009). Em complemento, Assis et al (2004), constatou em seu estudo que os adolescentes vitimizados possuem uma representação própria mais depreciativa. Ele acrescenta que a dinâmica da violência, repleta de desvalorização, conduz a uma diminuição da confiança

nas próprias percepções e, conseqüentemente, conduz a sentimentos de impotência.

Não se pode deixar de evidenciar nesta discussão a relação que a violência doméstica estabelece com o desempenho escolar, pois, no geral, as vítimas aqui retratadas encontram-se interligadas a um contexto escolar.

A adaptação à vida escolar é considerada socialmente decisiva para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Trata-se de um período, em que esses indivíduos buscam o reconhecimento social através de sua capacidade de se preparar para o trabalho no mundo adulto. Neste sentido, o desempenho escolar, o ajustamento a tal ambiente e a capacidade de estabelecer relações sociais gratificantes são importantes indicadores dos recursos de adaptação (MILANI e LOUREIRO, 2009). Essas mesmas autoras destacam que a maneira como as crianças vítimas de violência doméstica lidam com as exigências próprias da idade escolar sugere dificuldades na capacidade adaptativa. Segundo os estudos de Milani e Loureiro (2009) as crianças vitimizadas apresentam uma avaliação menos positiva de si, julgando-se culpadas pelos problemas que acontecem no cotidiano, avaliando negativamente seu comportamento na escola e, ainda, consideram que a família está triste com elas.

Segundo Inoue e Ristum (2008), é consenso entre muitos pesquisadores, que há um impacto significativo da vitimização por violência sexual no desempenho e na vida acadêmica da vítima. Alterações no desenvolvimento cognitivo, na linguagem, na memória e no rendimento escolar, rebaixamento da percepção do próprio desempenho e capacidade, agressividade e impulsividade são características relatadas.

Essas autoras ainda afirmam que crianças que são testemunhas ou vítimas de violência intrafamiliar tendem a desenvolver um repertório inadequado de estratégias, utilizando, por exemplo, de maneiras agressivas para lidar com possíveis contrariedades.

Já Milani e Loureiro (2009), apontam que as crianças vítimas de violência doméstica apresentam dificuldades quanto à socialização e que elas estão prejudicadas quanto aos recursos pessoais de proteção (auto-estima, autoconceito, entre outros), que têm a função de ajudá-las diante dos riscos que possam dificultar seu desenvolvimento. Nesse mesmo estudo destacou-se que a única diferença identificada quanto ao desempenho escolar foi na escrita, em que as crianças vitimizadas encontraram mais dificuldades; pois tal habilidade depende, dentre outros fatores, da mediação social para ocorrer.

Brancalhone, Fogo e Williams (2004), também não encontraram diferenças quanto ao desempenho acadêmico de crianças vitimizadas quando comparadas àquelas que não foram vítimas, porém afirmam que o fato de não apresentar déficits no desempenho escolar não significa que essas crianças não pudessem apresentar problemas de outra natureza, como depressão, baixa auto-estima, medo e agressividade.

No que diz respeito ao comportamento agressivo, Maldonato e Williams (2005), afirmam que há, no geral, maior incidência de severidade de exposição à violência doméstica nas crianças do sexo masculino que apresentam comportamento agressivo na escola, quando comparadas a crianças do mesmo sexo que não apresentavam tal comportamento. Elas ainda pontuam que, a agressividade das crianças na escola poderia ser entendida como “um pedido de ajuda” das mesmas, já que a apresentação do comportamento agressivo pode ser considerada um indicador de que a criança encontra-se em situação de risco.

Nos resultados deste estudo, somente um dos artigos aborda crianças vitimizadas que foram institucionalizadas. Tal pesquisa merece destaque nessa discussão, pois seus impactos podem ser diferentes dos já mencionados.

Grossi, Partala e Kaminski (2004) relatam que, tendo em vista as conseqüências da violência intrafamiliar, o ECA prevê a colocação temporária de crianças e adolescentes em abrigos, nos casos graves de omissão, de falta ou abuso dos pais ou responsáveis legais, mediante determinação da

autoridade competente. Porém os autores consideram que, o afastamento dos pais e o rompimento dos vínculos familiares podem intensificar o sofrimento dessas crianças. Apontam ainda que todas as crianças mantinham um bom relacionamento com suas cuidadoras e com as crianças abrigadas na instituição. Algumas apresentaram desvios de comportamento, como agressividade, irritação e tristeza. Outras já apresentavam sintomas neuróticos, dentre eles, transtorno do sono, preocupação excessiva, medo, baixa auto-estima e desconfiança (GROSSI, PARTALA e KAMINSKI, 2004). Estes autores concluem que para lidar com o sentimento de abandono e desproteção, as crianças podem desenvolver comportamentos anti-sociais ou desenvolver novos mecanismos de adaptação. Devido ao fato das crianças abrigadas passarem por situações de vida desfavoráveis, por exemplo, afastamento da família, essas se tornam ainda mais vulneráveis a desenvolver psicopatologias.

## 5 CONCLUSÃO

Diante da busca literária feita para a realização deste trabalho, ficou evidenciado que no Brasil, assim como em outras partes do mundo, em diferentes culturas e classes sociais, independente de sexo ou etnia, crianças e adolescentes são vítimas cotidianas da violência doméstica.

Os artigos pesquisados demonstram que a maioria das agressões acontece no contexto familiar, sendo o pai ou um parente próximo os principais agressores. Tal fato acarreta conseqüências graves, pois além da situação da violação dos direitos da criança, esta vivencia uma barreira nas suas relações intra-familiares, nas quais, muitas vezes predominam sentimentos de medo e desamparo. Está bem estabelecido que os efeitos da violência doméstica contra crianças e adolescentes podem durar a vida inteira e diminuir significativamente as chances desses indivíduos terem um desenvolvimento integral e saudável.

Observou-se, também, que são vários os fatores que podem levar a casos de violência doméstica contra a população infanto-juvenil, dentre eles os mais citados foram: baixo nível socioeconômico familiar, desapego e comprometimento nas relações familiares, pais separados, número maior de filhos, presença de álcool e/ou drogas ilícitas, práticas disciplinares coercitivas, depressão e agressões escolares, pertencer a grupos raciais minoritários e vivenciar as dificuldades da vida nos centros urbanos.

A questão mais relevante que foi ratificada neste estudo é a dimensão dos impactos causados pela violência doméstica e como eles podem afetar o desenvolvimento global da população infanto-juvenil. Além de conseqüências físicas, as crianças e adolescentes vitimizados apresentam o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social com alterações de diferentes formas e intensidades. Devido à complexidade dos fatores envolvidos no impacto da violência doméstica, essa experiência é considerada um fator de risco para o desenvolvimento de psicopatologias. Dentre estas, a mais citada como conseqüência ao abuso, é o transtorno do estresse pós traumático, que por sua

vez causa um severo dano emocional, gerando conduta e estruturas de pensamento desfavoráveis ao desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

É possível concluir também que, crianças submetidas à violência doméstica, quando comparadas às que não sofreram violência, são mais agressivas, têm baixa auto-estima, apresentam déficits de atenção e hiperatividade, possuem dificuldades de relacionamento interpessoal. Algumas chegam a apresentar baixo rendimento escolar, delinqüência, uso de drogas e têm a capacidade cognitiva e de desenvolvimento da linguagem prejudicadas.

Portanto, é possível inferir que, o cenário da violência começa na maioria das vezes na casa da criança ou adolescentes. Além de marcas físicas, quando não leva a morte, a violência deixa seqüelas emocionais que podem comprometer de forma permanente a saúde desses indivíduos. Ela geralmente acarreta prejuízos no aprendizado, nas relações sociais e no pleno desenvolvimento. Por fim, seus efeitos, podem se manifestar ainda, na construção de um círculo de reprodução e retro alimentação de práticas violentas, no qual, novamente, crianças e adolescentes serão as principais vítimas.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSIS, S.G.; AVANCI, J.Q.; SANTOS, N.C.; MALAQUIAS, J.V.; OLIVEIRA, R.V.C. *Violência e representação social na adolescência no Brasil*. **Rev. Panam Salud Pública**, vol. 16, n.1, pp. 43-51, 2004.

AVANCI, J.; ASSIS, S.; OLIVEIRA, R.; PIRES, T. *Quando a convivência com a violência aproxima a criança do comportamento depressivo*. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 2, pp. 383-394, 2009.

BORGES, J.L.; DELL'AGLIO, D.D. *Abuso sexual infantil: indicadores de risco e conseqüências no desenvolvimento de crianças*. **Rev. Interam. Psicol**, Porto Alegre, vol. 42, n. 3, pp. 528-536, 2008.

BRANCALHONE, P.G.; FOGO, J.C.; WILLIAMS, L.C.A. *Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho acadêmico*. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 20, n.2, pp. 113-117, 2004.

FALEIROS, V.; FALEIROS, E. *Formação de educadores (as): subsídios para atuar no enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes*. **MEC/SECAD**, Florianópolis, 2006.

GROSSI, R.; PARTALA, L.I.Z.; KAMINSKI, C.R. *Aspectos psicológicos em crianças institucionalizadas vítimas de violência doméstica*. **Iniciação Científica – CESUMAR**, Maringá, vol. 6, n.1, pp. 37-44, 2004.

INOUE, S.R.V.; RISTUM, M. *Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola*. **Estudos de Psicologia**, Campinas, vol. 25, nu. 1, pp. 11-21, 2008.

LAKS, J.; WERNER, J.; MIRANDA SÁ JR, L.S. *Psiquiatria forense e direitos humanos nos pólos da vida: crianças adolescentes e idosos*. **Rev. Bras. Psiquiatria**, Rio de Janeiro, 28 (Supl II): S80-5, 2006.

MALDONATO, D.P.A.; WILLIAMS, L.C.A. *O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica*. **Psicologia em Estudo**, Maringá, vol. 10, n.3, p. 353-362, 2005.

MILANO, R.G.; LOUREIRO, S.R. *Crianças em risco psicossocial associado à violência doméstica: o desempenho escolar e o autoconceito como condições de proteção*. **Estudos de Psicologia**, vol. 14, n. 3, pp. 191-198, 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Violência faz mal à saúde*. 1.ed. Brasília: Ed. MS, 2004. 294p.

PEREIRA, P.C; SANTOS, A.B.; WILLIAMS, L.C.A. *Desempenho escolar da criança vitimizada encaminha ao fórum judicial*. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, São Paulo, vol. 25, n. 1, pp. 10-28, 2009.

RIBEIRO, M.P.; FERRIANI, M.G.C.; REIS, J.N. *Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares*. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 2, pp. 456-464, mar-abr, 2004.

SCHERER, E.A.; SCHERER, Z.A.P. *A criança maltratada: uma revisão da literatura*. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p 22-29, agosto 2000.